



As formas da escravidão

José D'Assunção Barros¹

Desde que somos país, já estava aqui este povo,
Contraparte de sua carne, de sua alma e seus valores.
O último deles aqui chegou – *proibido*, em contrabando.
As correntes – *do mar e ferro* – trouxeram-no quase ao fim
Da forma antiga da escravidão.

Talvez fosse mulher, talvez homem...
Vou supor seu retrato: porém, jamais revelado;
Vou pensar o seu corpo: ferido-acorrentado.
Para nome, darei Maria,
Para não dizer que é João.

Vocês queriam canções: doce-brancas como açúcar...
Mas, do oceano que lambe as praias, eu só quero falar destas
gentes:
Dos males que lhes fizeram, do pouco que lhes demos, do tanto
que lhes devemos
(Vou me ater, no entanto, a Maria – aos seus filhos e
pentanetos;
Vou lhes seguir cada passo, geração a geração).

Deste povo, “Todas e Todos”,
Todos nós temos um pouco.
Levante a primeira gota quem souber ou achar que não,
E depois disso se cale, ou se vá para a Grande Casa,
Se não se sentir como irmão.

¹ Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Professor-Associado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Graduado em História e em Música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Historiador, escritor e músico.

Primeiro nasceu Pedro, já depois da Abolição.
Filho enfim liberto de Maria, quase ficou famoso
Por ser primo do já célebre *Operário em Construção*.
Mas não encontrou trabalho,
E, por isso, roubou um pão.

Foi linchado em via pública
Por gente de bom coração,
E isso na mesma época, em que num país mais ao norte
– Entoando canções patriotas – matava-se à contramão.

Pedro, coitado, nascera
Na Era dos Linchamentos.
Já longe, entregue ao rio dos tempos,
Ia-se a Era Primeira – a da velha Escravidão.
Ao norte, matava-se à farta – aqui, por um pouco de pão.

Mas então nasceu Jorge – de uma nova geração –
Chamaram-lhe para uma guerra, para defender o país
Dos tais fascistas que nos queriam impor outra escravidão.
Como neto tão direto de Maria, não lhe deram qualquer patente,
Mas lhe atribuíram missão: *deveria buscar minas* (quando fosse sua folga
De ser bucha de canhão).

Num passo em falso, pisou na morte!
Não teve sequer a sorte – o bravo soldado forte –
De merecer uma Missa Breve, ou de ganhar um monumento
("É um pracinha desconhecido, de fato, mas não é da cor que queremos;
O mármore que temos é branco, passemos a honra ao próximo:
Eis aqui a solução").

Iam-se os tempos da Escravidão,
Fora-se a Era dos Linchamentos,
Acabara (de acabar) a Idade da Desrazão.

Abria-se um novo momento: A Era-Segregação!

Datam de então as Favelas
Tão próprias para todos, mas especialmente talhadas
Para os bisnetos de Maria.
E ali, no calor de um dia,
Nascia o nosso João:
Finalmente um João!

Pouco sabemos dele
Por falta de documentos.
Dizem que morreu das meningites
No mais duro chumbo dos anos tristes,
Na época em que a doença – proibida nos jornais –
Aceitava a segregação

Só sabemos que foi pai
Do Trineto herdeiro de Maria.
Este, por falta de qualquer emprego,
E por vergonha de pedir esmola,
Tornou-se um bom ladrão.

Roubava dos ricos para dar a pobres,
Ainda que nem precisasse tanto:
Seu destino já fora traçado,
Indiferente à profissão,
Nesta Era da Prisão.

Também ele deixou filho
– O brilhante e sábio *Tetraneto de Maria* –
A vida deste bateu na trave: quase recebeu a cota!
Mas então soube que já chegava
A Era da Assombração.